

***RETALHOS
DO PASSADO***

Livro 102

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



ALMAS

Hoje estou com a alma (presencial) saindo de dentro da alma (ancestral).



IMPÉRIO DA BELEZA

Você chegou em um bom dia, passeou nos olhos do farol, iluminou os mares, fez as rotas, incluiu a graça para dar mais esplendor ao império da beleza.



FRACAS RESISTENCIAS

Reconheço as fracas resistências durante as quais uma âncora grita insistentemente pela tua permanência aldeia encravada, raiz das minhas vocações, das alegrias, das ironias se impondo numa cultura disseminada como constante resistência.

LÁGRIMAS

Não conheço lágrimas suaves, conheço lágrimas furtivas, as equivocadas, as defeituosas, as repetitivas, as insistentes, as viciadas, as inseparáveis dos risos, as exuberantes, as que descem e as que encolhem, as compulsivas e as repulsivas, as lágrimas do começo e do fim, as lágrimas por nós e pelo próximo.



AVENCAS

A avenca desobedece ao muro e brota anunciando o segredo dos jardins, das funções da Natureza, da vida pulsante. Conta-se que seus antepassados iniciaram seu campo do outro lado de um muro, exímios escavadores de túneis, rastejavam lambendo as feridas.

COMPOSIÇÕES

Meus olhos escavam o caminho repleto de afetos superpostos, suspensos nas histórias daqueles que me cercam parecem buscar rastros das fontes. Narrados ou executados em atos transmitem a dignidade aquecida por alguma saudade. Despedindo ou comemorando familiaridades na circularidade das existências, a marca refletida embarcada na temporalidade de cada um, sendo transportadoras, conhecem partidas e retornos, refugiadas na insistência celular que aduba a geração seguinte. Ao entrar no território dos vestígios os olhos, os olhares, os abraços, os alimentos, a habitual acolhida que reúne compostos celulares mais resistentes, virtudes estendidas.

ANTIGAS HOMENAGENS

Por qualquer direção que eu vá encontrarei diante de mim o meu passado, lembranças demasiadamente verossímeis para não serem presente. Começam a crescer as vivências crescentes, suspensas no tempo, de tão intensas as formas e dos conteúdos não cansam de fascinar. Continuam reproduzindo antigas homenagens.



O BANCO DA PRAÇA

O banco da praça onde sentam os velhos vendo o tempo passar, coletam histórias, muitas recordações, memórias alimentadoras entre a vida vivida e o escasso futuro por viver.

O PATRIMÔNIO DAS FAMÍLIAS

Será a memória e a gratidão o patrimônio das famílias, guardar o respeito pelos ancestrais, diminuir os riscos do memoricídio, dos pactos intencionais e todos os preconceitos contra pessoas, seus atos, suas esperanças, seus sexos, suas identidades, seus corpos e suas almas, promover a coesão e o respeito as diferenças. Toda intenção de ressignificar uma realidade ficcional, artificial, que gere confusão entre Valor e riqueza (dinheiro). Será o motivo principal preservar o direito de ter filhos e de cuidá-los para não serem servis às tecnocracias.



RETALHOS DO PASSADO

O lugar das frondosas vivências é onde estão concentradas as memórias, onde se acumulam as saudades, as portas, as cadeiras, os pisos, o mostruário dos registros, das controvérsias, das conversas

permanecidas caladas. Como um código interno escondendo preciosos segredos e dolorosos traumas, anunciando que não existe o esquecimento definitivo, mostra um conjunto aprisionado que insiste em escapar ao controle para emergir como pinturas rupestres em retalhos escapados do passado.



INESPERADO AFETO

Um inesperado afeto escorre na minha face turvando uma miragem que unta lembranças de chegada e de despedida, em um breve tempo qualquer da minha vida, o escorregadio afeto desaparece antes de ser identificado. Na aceleração descontrolada retenho mais as chegadas que as partidas, premiando a alegria sobre a tristeza. Habituar-me aos vestígios da aceleração, confunde a percepção desconcertada sem nunca saber tratar-se de um desejo sonhado ou de uma realidade provisória.

TROCO MEMÓRIAS

A falta de coragem descarregou atravessando minhas imprudências, todas dificuldades, para instalar um incômodo silêncio frente ao saque nas riquezas do Estado. Troco todas as memórias, invento quem não sou, senadores ladrões acabam de ser escolhidos para julgar um presidente honesto. Os canalhas se reúnem para avisar que as quadrilhas estão intactas, o aparelhamento foi para valer, se esqueceram de combinar com a população que segue com ódio deles e prometendo responder na próxima eleição. Os honestos sem poder pagam com seus impostos os canalhas que vivem de criar e manter a pobreza.



RETALHOS DO PASSADO

O lugar das frondosas vivências é onde estão concentradas as memórias, onde se acumulam as saudades, as portas, as cadeiras, os pisos, o mostruário

dos registros, das controvérsias, das conversas permanecidas caladas. Como um código interno escondendo preciosos segredos e dolorosos traumas, anunciando que não existe o esquecimento definitivo, mostra um conjunto aprisionado que insiste em escapar ao controle para emergir como pinturas rupestres em retalhos escapados do passado.



PRECIOSAS MEMÓRIAS

Os afetos são completamente domesticados, a imaginação completamente confiscada, sobre as cabeças raízes artificiais, sobre os pés o asfalto, os olhos acreditando no que veem, a tv deserta de cultura, as portas fechadas, as janelas com grades, a educação insatisfeita, a animada injustiça puxando a escada e o povo pendurado no pincel. Aparelhos nos espiam sem entender porque o que a alma irradia tem suas senhas guardadas, mais hermética que a criptografia hospeda entalhadas a bordo as mais preciosas memórias.

NOSSA ORIGEM

Nossa origem, plena de contos, de memórias alimentadoras dos afetos está em todos nós, somos apenas transportadores de afetos e valores que nossos antepassados espreitam se somos fieis condutores. As aldeias foram celularmente transportadas, e ainda emergem como uma viva-voz em cada um de nós.



ALIMENTOS

Durante as minhas manhãs, avanço em direção à uma cesta de motivações diárias, pequenos alicerces que antecipam minhas expectativas. Lembro das comidas na casa dos meus pais, sabíamos o que iríamos comer em cada refeição, deste modo nos preparávamos dando lugar aos desejos imaginários que conduziriam a abertura dos apetites. Levávamos na cozinha, escondidos na arte de alimentar um exercício das pequenas esperanças, como se estivéssemos buscando o tesouro com o mapa

nas mãos. As mais variadas providências guardavam o lugar ilustre da comida anunciada. A verdadeira essência era de tratar-se de alimentos, comidas que levam consigo os afetos arrastados desde a semente até o gesto da oferta disposta à mesa. Desta forma tratava-se de uma síntese de dedicados gestos comparecendo: resultado de missões amorosas implícitas.



LIBANO VISÍVEIS

A cor do trigo aliado a carne frequenta a mesa libanesa, seguindo o fio da culinária desafiando com uma memória cenográfica se misturam no pilão. Habitando unidos, percorrem milênios e continentes saindo do Líbano, irradiando cultura e sabores. Os pastores e os agricultores habitam um oásis escondido em cada casa. Os cedros se multiplicam em Líbano visíveis.

SEM VOLTA

Mais cedo ou mais tarde, embarcarei sem volta, nada sei de retornos. Meus remos pesam nos agitados mares, permanecer na rota experimenta minha paciência, interrompe minhas urgências, me faz perder o tempo com ilusões pondo resíduos de uma terra na minha vista. As águas permanecem as mesmas, conto as mesmas ondas, os ventos extravagantes disputando correntes velozes exigindo velas que se recusem desistir.



MEUS OLHOS PASTORES

Olhares que saltam dos meus olhos se refugiam na procura de encontrar-me escondido em uma parte que o tempo borrou, lançado numa viagem ao passado, numa experiência repleta de saudades, arranquei um ânimo do sorriso passageiro que cruzou comigo saltando de uma foto minha de guri resistente ao tempo e as desarmonias, as inúteis prudências e os seguros excessivos. Meus olhos pastores desde a extremidade oposta, já não se importam tanto se foram ou se ainda são. Apenas permanecem procurando.

ÁGUAS

Escavo na pedra ondulada por onde brota a água corrente, suponho ser água do degelo já que do recipiente com que a recebo, surgem imediatamente suas gotas geladas. Seria arriscado discordar da natureza, começar a procurar, ali haverá de aparecer o caminho da fonte deixando rastros do precioso líquido, mas de acordo com o modo como era tratada e cuidada falava dos interesses culturais do seu redor. Desde o pequeno fio até o riacho, ao rio, mares abrangendo grandes oceanos e continentes, os laços vinculando os humanos e a natureza sustentariam materialmente esta vida com uma complexa série de movimentos, saídas, ajustes e desajustes. Dispersa entre charcos, banhados e desertos, matas, caatinga, florestas detém a propriedade da nascente e da sua expansão envolvendo comércio, produção e consumo, pureza e contágio.

JULGO-ME

Julgo-me incluído quando me projeto na composição dos textos, declaro e oculto intenções deserdadas, taliativas, nos escritos reunidos forneço uma versão emocional da realidade em que vivo. Passeio com liberdade entre o passado e o presente apagando os desertos entre eles, os rumos, as mortes, os fantasmas, os horizontes e os confins. A vida nua e crua, o obscuro e o singular, na ameaça e no agradável. No sacrifício da lealdade e na defesa na emboscada. No decifrável e no fictício, na compaixão e na ira, no esconderijo e no palco. na abundância e na insuficiência, na geografia e na paisagem, no corpo e na alma.



HOUVESSE QUERIDO

Houvesse querido estar em nenhum lugar onde se esculpisse a fragilidade, embora conviva ocultando-a. Em algum olhar já depusitei tormentos, internalizei

a obrigação de me aceitar inundado de decepções forçadas.

Grito pelos colos perdidos, definidos pelas qualidades hoje desistidas de estar. Tudo implicado, tento evitar a demissão das humanidades que ficaram privadas de mérito.



O FIO DA NAVALHA

Ando no fio da navalha, no limite do risco calculado, entre a luz e a sombra, entre o passado e o que sou, ando pelo avesso, no peito e na coragem. Chego com a fome de sábado, saio saciado de domingo, já não descarto mais o tempo, incluo feriados, incluo a devoção e a excomunhão, o embalo e a balada, a suave proposta e o sim companheiro.

IDENTIDADE PERDIDA

A identidade coletiva se perde quando inexiste a consciência de pertencimento. Somente se pode agir contra os significados impostos quando se os conhece e critica. A era do vazio que paira sobre o mundo ocidental adormece a capacidade de resposta. A desconexão entre consciência e vida cotidiana é maior naqueles que sobrevivem socialmente.



PRUDÊNCIA

É prudente não dar crédito aos que perderam o espanto e andam sem sua companhia.



Roberto Curi Hallal

